

Biografia de Chu En-lai conta o Grande Salto à Frente da China

Historiador chinês levou 30 anos para traçar retrato balanceado do primeiro-ministro

Mario Sergio Conti

Folha de S. Paulo, 4.out.2024

- • A manhã nasceu clara em Pequim no 1º de outubro de 1949. Contrariando o costume de trabalhar à noite e dormir de dia, [Mao Tse-tung](#) levantou cedo para chefiar a cerimônia mais marcante de sua vida, a fundação da República Popular da [China](#). Tinha 55 anos e viveria até os 82.

O primeiro-ministro do novo Estado, Chu En-lai, chegou bem antes que Mao a Tianamen, a praça construída há mais de meio milênio no centro da cidade. Como de hábito, checou a segurança, examinou o palanque e observou a massa de gente em frente. Viu que tudo estava em ordem.

Chu era um militante devotado mais à prática do que à teoria. Fora chefe de Mao no Partido Comunista Chinês, mas, ainda na guerra civil contra os nacionalistas, aceitou ser seu subalterno por ver nele um "gênio" em questões militares.

Em meio século de convívio, Chu e Mao sempre desconfiaram um do outro. O primeiro era visionário e carismático, um escritor de estilo floreado: "a política é a guerra sem banhos de sangue, enquanto a guerra é política com banhos de sangue"; "o comunismo não é amor, o comunismo é um martelo para esmagarmos o inimigo".

O cosmopolita Chu vivera em Tóquio, Londres e Paris. Passou longos períodos em Moscou, onde se reunia com Stálin –burocrata tarimbado, não abria a boca diante dele nem para concordar. Era cortês e agradável, um mestre da diplomacia até quando fincava o pé.

Na terça-feira passada, o festejo dos 75 anos da proclamação da República Popular foi discreto. Apenas 3.000 pessoas escutaram, num salão fechado em Pequim, o soporífero discurso de [Xi Jinping](#). Como ele tem mais títulos e poder que Mao e Chu juntos, não citou nem um nem outro.

A China é a maravilha do mundo pós-moderno. Lá, 700 milhões de pessoas saíram da miséria em 20 anos, um feito sem paralelo na história. Seu PIB cresceu a uma taxa de 10% durante três décadas; a do Brasil foi de 3%. Investe na infraestrutura de 150 países para reativar a Rota da Seda.

No linguajar colonizado da Faria Lima, a República Popular soberana é um "success case". Contudo, ela repousa numa contradição no seio do povo: nominalmente comunista, é o dínamo do capitalismo mundial. E, em boa medida, a China formidável de hoje é fruto de Chu; especificamente de suas relações com Mao, a quem ora serviu de martelo e ora de contrapeso.

Saiu em maio nos Estados Unidos um cartapácio de 840 páginas que tem por mote essa relação, "Zhou Enlai: A Life". Seu autor, o historiador chinês Jian Chen, tinha 14 anos quando Mao deflagrou a Revolução Cultural (1966-76), na qual foi preso duas vezes. Com inúmeras passagens por universidades americanas e chinesas, levou 30 anos para traçar um retrato compreensivo e balanceado de Chu.

A biografia permite entender por que a imagem de Chu foi e é ambígua na China. Ao morrer de câncer, em 1976, uma enorme multidão foi espontaneamente às ruas para prantear sua moderação. Pouco depois, era chamado de "cão de Mao", um mastim que destroçava os inimigos quando seu dono mandava.

Foi o que se deu em 1956, na campanha Que Cem Flores Desabrochem, na qual Mao incentivou críticas ao Partido Comunista e em seguida puniu quem criticou. Dois anos depois, no Grande Salto à Frente, o "grande líder" promoveu uma reforma agrária desastrosa, durante a qual cerca de 50 milhões teriam morrido de fome.

A violência maoísta chegou ao zênite na Revolução Cultural, o caos que paralisou o país por uma década. Mao atçou o movimento estudantil –os guardas vermelhos– contra o PC e o governo. O tumulto foi tal que lhe escapou ao controle e, para retomá-lo, desencadeou uma repressão selvagem.

A ira de Mao se abateu sobre Chu. Sua filha foi acusada injustamente de "atividades contrarrevolucionárias". Jiang Qing, a mulher de Mao e chefe da Gangue dos Quatro, que dirigia a Revolução Cultural, obrigou o suave Chu a assinar a ordem de prisão da própria filha. A moça morreu na cadeia e o pai, desconfiado que fora assassinada, quis fazer uma autópsia. Mao fez com que fosse cremada sem a autópsia.

No discurso do 75º aniversário da República Popular, o sensaborão Xi Jinping disse que ela tem à frente um futuro de "ventos fortes, mares agitados e até mesmo de ondas tempestuosas".

Como ele quer retomar [Taiwan](#), coisa que os Estados Unidos não admitem, a previsão é verdadeira. Ainda mais porque a frase não se refere só ao futuro, mas, elipticamente, aos mares agitados e ondas tempestuosas atravessados por Chu En-lai e a República Popular.